

OS SÍTIOS HISTÓRICOS ITATIBA E ITATIBA II: INTERPRETAÇÃO A PARTIR DOS REGISTROS LÍTICOS E CERÂMICOS

Neide BARROCÁ FACCIO*

José LUIZ DE MORAIS**

Hiuri Marcel DI BACO***

Janete Valéria SANTOS****

Resumo: O estudo de arqueologia nas áreas dos Sítios Arqueológicos Itatiba e Itatiba II tiveram por objetivo a obtenção de informações sobre os processos culturais, abrangendo as populações indígenas e as frentes pioneiras da sociedade brasileira, evidenciadas na cultura material contida nos registros arqueológicos, incorporando-os à memória regional e nacional, evitando as perdas dessas informações. O presente artigo tem como objetivo apresentar os resultados da pesquisa arqueológica realizada com o material lítico e cerâmico dos Sítios Itatiba e Itatiba II.

Palavras-chave: sítio arqueológico histórico, patrimônio cultural, cerâmica histórica, lítico.

* Endereço eletrônico: nfaccio@terra.com.br. Professora Doutora FCT/UNESP.

** Endereço eletrônico: jlmorais@uol.com.br. Livre-docente FFLCH/USP.

*** Endereço eletrônico: hiuridibaco@gmail.com. Bacharel em Geografia FCT/UNESP.

**** Endereço eletrônico: janvsan@hotmail.com. Mestre pela UFMS – Campus de Aquidauana.

HISTORIC SITES ITATIBA AND ITATIBA II: INTERPRETATION OF RECORDS FROM LITHICS AND CERAMICS

Abstract: The study of archaeology in the areas of the Archaeological Sites Itatiba and Itatiba II has aimed to collect information on cultural processes, comprehending the Indian population and the pioneer groups of the Brazilian Society, shown by the cultural material contained in the archaeological records, and also incorporating them into the regional and national memories in order to avoid the loss of such information. The current article aims to present the results of the archaeological research carried on with the lithic and ceramic material of the Sites Itatiba and Itatiba II.

Keywords: historical archaeological site, cultural heritage, historic ceramics, lithic.

1. Quadro Arqueológico do Entorno da Área de Pesquisa

Na tentativa de esboçar um quadro da arqueologia, até o momento conhecida, do entorno da área de pesquisa, buscamos os dados referentes à arqueologia existente para a bacia do Rio Piracicaba, do qual o Rio Atibaia é afluente. Essa escolha ocorreu porque nas áreas dos Sítios Arqueológicos Itatiba e Itatiba II existe uma nascente deste rio e os homens tradicionalmente utilizaram as bacias hidrográficas para orientar seus deslocamentos.

A bacia do Rio Piracicaba faz parte do contexto arqueológico da bacia do médio Tietê. Essa área foi ocupada por **bandos de índios caçadores-coletores** a partir de 9.000 até 2.500 AP (CALDARELLI, 1985) e por **tribos horticultoras** que produziram as cerâmicas **das Tradições Tupiguarani ou Itararé** a partir de 800 AP até a chegada do colonizador europeu (JULIANE, 2004).

Apesar de pesquisas sistemáticas não terem sido realizadas nessa área, podemos apresentar os resultados dos trabalhos realizados por arqueólogos nos Municípios de Campinas, Amparo, Ipeúna, Mogi Guaçu, Santa Bárbara do Oeste, Rio Claro, Capivari, Vinhedo, Monte Mor e Atibaia.

No **Distrito de Souza, Município de Campinas, SP**, Faccio (2005) encontrou uma ponta de flecha em sílex preto.

Caldarelli (2001), em diagnóstico realizado para o trecho de prolongamento da Rodovia dos Bandeirantes, localizou sítios arqueológicos de grupos indígenas caçadores-coletores nos **Municípios de Campinas, Santa Bárbara do Oeste e Limeira, SP**. No **Município de Campinas, SP**, Caldarelli, Blassi e Gaissler (1999) registraram a presença de sítios históricos. No **Município de Santa Bárbara D'Oeste, SP**, Caldarelli (2001) localizou três sítios arqueológicos de grupos caçadores-coletores denominados **Lagoa, Matão e Toledos**. Este último foi datado de 2.900 e 2.700 anos BP. Morais (1982), nesse mesmo município estudou o material lítico do **Sítio Arqueológico Cayubi** localizado próximo à margem do Rio Piracicaba. O sítio de grupo caçador-coletor apresentou lascas, núcleos e artefatos como raspadores e pontas de flecha.

No **Museu Histórico e Pedagógico Bernardino de Campos, do Município de Amparo, SP**, registrou-se a presença de cinco pedras polidas associadas a ocupações de grupos indígenas horticultores e uma pedra lascada associada a grupo indígena caçador-coletor. Das cinco pedras polidas, três são classificadas como lâmina de machado, uma como virote e uma como mão de pilão. A pedra lascada pode ser classificada como ponta de projétil confeccionada em sílex preto. O museu não possui dados a respeito do doador ou do local de procedência das peças, mas é provável que seja do Município de Amparo ou de municípios vizinhos (**Fotos 1, 2 e 3**).



Foto 1: lâminas de machado do Museu Histórico e Pedagógico Bernardino de Campos. Município de Amparo, SP. Foto: Faccio, 2002.



Foto 2: Virote do Museu Histórico e Pedagógico Bernardino de Campos. Município de Amparo, SP. Foto: Faccio, 2002.



Foto 3: Ponta de projétil do Museu Histórico e Pedagógico Bernardino de Campos. Município de Amparo, SP. Foto: Faccio, 2002.

Na bacia do Rio Mogi Guaçu, **Município de Mogi Guaçu, SP**, foi localizado o sítio mais antigo do Estado de São Paulo, datado entre 9.100 e 9.540 AP. Trata-se de ocupação de grupo caçador-coletor, onde foram encontrados líticos lascados espalhados na faixa de domínio da Rodovia SP-340, em 2002 (CALDARELLI, 2001/2002).

No **Município de Ipeúna, SP**, Miller Junior (1968: 47) aponta para a localização da **Jazida Arqueológica Tira Chapéu**. Esse sítio está localizado próximo ao Rio Passa Cinco, no quilômetro 197 da estrada Rio Claro - São Pedro. Segundo Miller Junior, a jazida apresenta vestígios de três ocupações humanas distintas. A primeira delas denominada “**Tira Chapéu I**” caracteriza-se pelo uso do sílex preto não siltado para a confecção de grandes lascas discoidais, grossas peças talhadas e grandes raspadores discoidais trabalhados bifacialmente (MILLER JUNIOR, 1968: 75). A segunda delas denominada “**Tira Chapéu II**”. Desse sítio, Miller Junior analisou 164 peças lascadas, sendo 163 em sílex siltado do cinza claro até o cinza escuro e uma em sílex preto não siltado. Esse sítio apresentou fragmento sem forma, núcleo, lasca primária, chapa de sílex tabular, lâmina, lâmina prismática, lâmina lateral, lasca secundária e seixo fendido. As peças foram lascadas por percussão direta e trabalhadas unifacialmente por percussão direta e indireta (acabamento) (MILLER JUNIOR, 1968: 64). A

terceira delas denominada “**Tira Chapéu III**”. Desse sítio, Miller estudou 245 peças lascadas, sendo 244 em sílex siltado de cor cinza claro até o cinza escuro e uma peça em sílex preto não siltado. Esse sítio apresentou fragmento sem forma, núcleo, lasca primária, chapa de sílex tabular, lâmina, lâmina prismática, lâmina lateral, lasca secundária, seixo fendido e pedrinha fendida. As peças foram lascadas por percussão direta e trabalhadas unifacialmente. No acabamento, notou-se a percussão direta, a percussão indireta, o esfregado, as serrações não removidas, os retoques irregulares, os sinais de bater, os retoques marginais e os microrretoques. Os artefatos típicos desse sítio foram as facas, os raspadores, os formões, as plainas, as goivas e os furadores (MILLER, 1968: 50 - 51).

Ainda no **Município de Ipeúna, SP**, próximo ao Rio Pedreiras, afluente do Passa Cinco, aparece um afloramento, em um estrato de paleopavimento, de seixos rolados de quartzo e quartzito. Entre esses materiais Miller Junior coletou 313 peças líticas, entre elas artefatos miniaturizados. Essa ocupação foi denominada “**Monjolo Velho**”. Além das peças em quartzo e quartzito, também foram evidenciadas peças em cristais naturais e concha fóssil. Esse sítio apresentou fragmento sem forma, núcleo, lasca primária, chapa de sílex tabular, lâmina, lâmina prismática, lâmina lateral, lasca secundária, seixo fendido, pedrinha fendida e cristais naturais não modificados. Os líticos desse sítio foram utilizados como agulha, goiva, raspador, furador ou faca (MILLER, 1968: 77).

Também no **Município Ipeúna, SP**, Miller Junior localizou a ocupação denominada “**Bairro do Cabeça**”, próximo à ponte do Bairro do Cabeça, que atravessa o Rio Cabeça, no terraço médio, no paleopavimento que varia de 15 a 80 centímetros. Nesse paleopavimento, em meio aos seixos de quartzos, quartzitos e fragmentos de sílex, foram coletadas 211 peças trabalhadas em sílex não siltado, sílex siltado, quartzo, quartzito, arenito botucatu e arenito bauru. Esse sítio apresentou fragmento sem forma, núcleo, lasca primária, chapa de sílex tabular, lâmina, lâmina prismática, lâmina lateral, lasca secundária, seixo fendido, pedrinha fendida e pedra rolada do rio. Os líticos desse sítio foram manufaturados por percussão direta. No acabamento, nota-se a percussão direta e indireta, o esfregado, as serrações não removidas, os sinais de bater, os retoques marginais e os micro-retoques. Os líticos típicos desse sítio são o formão, a agulha e o furador (MILLER JUNIOR, 1968: 88 – 99).

A “**Jazida da Serra D’Água**”, localizada no **Município de Rio Claro, SP**, próximo à confluência dos Rios Passa Cinco e Cabeça. Desse sítio foram coletadas 229 peças em sílex e quartzo. Esse sítio apresentou fragmento sem forma, núcleo, lasca primária, chapa de sílex tabular, seixo

fendido e pedrinha fendida. Os líticos desse sítio foram obtidos por percussão direta. No acabamento, nota-se a percussão direta e indireta, o esfregado, as serrações, os sinais de bater, os retoques marginais e os microrretoques. Os líticos típicos dessa ocupação são o raspador, a faca, o formão e os furadores (MILLER JUNIOR, 1968: 95-96).

A “**Jazida de Tamandupá**” está localizada no **Município de Rio Claro**, SP, em área entre os Rios Guarumim e Corumbataí e acima da Usina Tamandupá, numa camada que varia entre 15 e 20 centímetros. Desse sítio, coletaram-se 326 peças em sílex siltado, sílex não siltado e quartzito, entre elas fragmento sem forma, núcleo, lasca primária, chapa de sílex, lâmina, lâmina prismática, lâmina lateral, lasca secundária, seixo fendido e pedrinha fendida. Os líticos desse sítio foram obtidos por percussão direta. No acabamento, nota-se a percussão direta e indireta, o esfregado, as serrações, os sinais de bater, os retoques marginais e os microrretoques. Os líticos típicos dessa ocupação são as facas, canivetes, pontas, talhadeiras, machados, goivas, chopping e raspadores plano-convexo.

Também no **Município de Rio Claro**, SP, Miller Junior (1972) registrou dois sítios de grupos horticultores ceramistas relacionados à Tradição Itararé.

Os trabalhos de Miller Junior tornaram a **região de Rio Claro** conhecida do ponto de vista da arqueologia pré-histórica. Esse autor estudou os artefatos líticos de mais de 80 sítios de grupos caçadores coletores que implantaram seus assentamentos sazonais ao longo da bacia do Rio Corumbataí, afluente do Rio Piracicaba.

No **Município de Capivari**, SP, Pereira, Pazinato, Marcondes e Aytai (1982) localizaram duas urnas funerárias tampadas com tigelas associadas à Tradição Tupiguarani.

Abreu (1983) aponta para a presença de três sítios arqueológicos na bacia do Ribeirão dos Toledos, afluente do Rio Piracicaba, localizado no **Município de Vinhedo**, SP. Os materiais evidenciados foram associados a grupos ceramistas horticultores que confeccionaram a cerâmica da Tradição Tupiguarani. Nesses sítios evidenciaram-se, além do material cerâmico, pedras polidas e esqueletos.

Quanto aos sítios relacionados à Arqueologia do Período Histórico, encontramos no **Município de Vinhedo**, SP, ocupação que apresenta elementos da Tradição Tupiguarani associados aos da cultura africana proveniente dos escravos negros e seus descendentes.

No Município de Monte Mor, o portal do IPHAN registra a presença de três sítios arqueológicos associados às Tradições Umbu ou Tupiguarani.

Contudo, Pardi et al, (1999). produziu o texto “Levantamento do Patrimônio Arqueológico da Região de Monte Mor” disponibilizado no site do IPHAN, onde registra a presença em Monte Mor de dez sítios arqueológicos pré-históricos (Santa Cruz, Aldeia do Porto, Santa Sofia, Vista Alegre, Córrego Azul, Rage Maluf, Tapajós, Quinhões da Boa Esperança, Caixa D’água e Perovinha), três históricos (Caminho dos Tropeiros, Mina de Carvão e Cemitério dos Escravos) e uma área de ocorrência arqueológica (apresentando raspadores e lascas grandes denominada Santa Rosa).

Dos dez sítios arqueológicos pré-históricos de Monte Mor, quatro apresentam material cerâmico, sendo que um deles, o Santa Sofia, apresentou cerâmica fina e enegrecida, o que não é característica da cerâmica da Tradição Tupiguarani. Dessa forma, esse material precisa ser analisado para que se possa associá-lo a uma tradição, ou quem sabe a um grupo indígena.

Entre os sítios de grupos caçadores-coletores associados à Tradição Umbu, no Município de Monte Mor, temos o Santa Cruz, Aldeia do Porto, Vista Alegre, Córrego Azul, Quinhões da Boa Esperança e São Pedro.

Segundo Pardi, Rangel e Coradel (1999) esses sítios

[...] apresentam artefatos de pequenas dimensões, geralmente elaborados sobre lascas retocadas por pressão. São pontas de arremesso diversificadas, bifaciais, furadores e raspadores, sobre matéria-prima variada denotando a preferência pelo sílex (PARDI; RANGEL; CORADEL, 1999, p.11).

Entre os sítios de grupos horticultores-ceramistas de Monte Mor, da Tradição Tupiguarani, destaca-se a Aldeia Pré-Histórica de Monte Mor, também conhecida pelo nome de Sítio Rage Maluf.

Na aldeia pré-histórica de Monte Mor cuja idade, medida pelo método da termo-luminescência, é de 800 anos,

mais ou menos, foi executada a escavação sistemática de uma quadra-piloto, de 5 por 5 metros. Os quase 3000 cacos de cerâmica, tipo “tupi-guarani”, encontrados nesta quadra, foram analisados do ponto de vista da localização, tanto no plano horizontal como na dimensão vertical, da espessura das paredes, da ornamentação das superfícies, das bordas dos vasos, de seus diâmetros e da possibilidade da seriação de várias características. A análise permitiu a formulação de várias conclusões referentes à cultura dos fabricantes de cerâmica. Não estão incluídos no presente trabalho, o estudo dos objetos não-cerâmicos – material lítico, carvão – encontrados na quadra-piloto, nem a análise dos outros, uns 7000 fragmentos cerâmicos e da urna funerária, encontrados em outros setores do mesmo sítio arqueológico (MYAZAKI; AYTAI, 1974, p.1).

Desse sítio foi retirado uma urna funerária piriforme corrugada com tampa em forma de prato pintado com motivos geométricos, uma fogueira com fragmentos de cinco painéis, fragmentos de cinco dentes humanos, 7.000 cacos de cerâmica (lisos, corrugados, unglados, engobados ou pintados), uma mão de pilão, pontas de flecha em sílex ou quartzo, uma pedra oval de polir, vários fragmentos de arenito usados para polir, implementos de pedras toscos. (MYAZAKI; AYTAI, 1974, p. 3 - 4).

Do exame da frequência de cacos na quadra piloto do Sítio Rage Maluf foi possível constatar que:

Uma atividade prolongada e ininterrupta de fabricação de vasos que aumentou de um ano, sem recada, embora a velocidade do desenvolvimento diminua permanentemente. Essa atividade parou de repente, por razões desconhecidas, mas a parada não foi percebida por uma degeneração ou estagnação artística e/ou tecnológica. Durante toda a atividade ceramista, houve uma diminuição dos vasos maiores e um aumento constante dos vasos menores, o que pode significar uma modificação profunda na estrutura do grupo que se transformou em unidades (famílias) menores, que se alimentavam separadamente, ou pode indicar o aperfeiçoamento da tecnologia e a fabricação de vasos que não serviam para satisfazer as necessidades básicas, mas sim, o capricho artístico dos fabricantes o tipo unglado gradativamente “saiu de moda”, e no fim da época, esse tipo foi fabricado não só em pequeno número mas com poucos cuidados artísticos, também. Da mesma forma, constatamos que a cor vermelha como engobo também “saiu da moda”, sendo seu lugar ocupado

pelo engobo branco e, parcialmente, pela faixa vermelha larga, no engobo branco. (MYAZAKI; AYTAI, 1974, p. 29).

Parte do material cerâmico do Sítio Rage Maluf está no Museu de Paulínia (10.192 fragmentos). Os tipos cerâmicos presentes nesse material foram estudados por Pazinato (1984) que verificou desenhos lineares em preto, vermelho ou marrom, engobo vermelho, engobo branco, engobo preto, faixas de cor vermelha principalmente, mas não exclusivamente nas bordas, faixas pretas sobre engobo vermelho.

Os índios que habitaram essa aldeia plantavam milho e para pilar o milho produziram um grande número de mão de pilão. A aldeia ocupava uma área numa direção de mais de dois quilômetros. A forma exata da aldeia não é conhecida, mas provavelmente teve uma população numerosa. Vasilhas com capacidade para 140 litros indicam população numerosa.

Além desses sítios ou áreas de ocorrências arqueológicas, Aytai (1988, p. 12-13) arrola dez áreas de ocorrência de materiais arqueológicos no Município de Monte Mor, segundo relatos de moradores. São eles:

1) presença de uma urna funerária na estrada de terra que leva de Monte Mor a Indaiatuba e Cardeal, do lado direito, a algumas centenas de metros além da fábrica Asvotec;

2) presença de uma fábrica de machado de pedra do lado direito da estrada de terra que leva ao bairro da Serra, na Chácara Santo Antônio, mais ou menos no ponto 7.460.000 e 261.000 da rede geodésica do mapa nº 077/094 da SEPLAN.

3) presença de núcleos lascados de sílex no quilômetro 19 da Estrada Estadual 101, Campinas – Capivari, no terreno da Granja Sol. As peças estão na Universidade Católica de Campinas;

4) presença de um pequeno biface em rua recentemente aberta (1986), paralela à Rua 1ª de Maio, perto da Granja Capuavinha, a uns 100 metros ao norte do ponto alto 587 do mapa citado no item 2;

5) presença de uma ponta de flecha de sílex (1950) na estrada velha (de terra) de Monte Mor – Capivari, a uns cinco quilômetros de Monte Mor, lado esquerdo, num vale de córrego seco. Foi doada para o Museu da Universidade Católica de Campinas;

6) presença de uma panela de índio, de uns quatro litros de volume, no jardim de uma casa na Avenida Jânio Quadros em Monte Mor, ao lado do Bradesco;

7) presença de 15 pontas de flecha em sítio localizado na Estrada Estadual 101, Campinas – Capivari, a alguns quilômetros de Monte Mor para o lado de Capivari;

8) presença de pontas de flecha em sítio vizinho à área do Sítio Arqueológico Rage Maluf. As pontas de flecha estão no Museu Universitário da PUCC;

9) presença de duas mãos de pilão de pedra e um fuso de pedra na região vizinha da Fazenda Rio Acima (1950);

10) presença de vários fragmentos de cerâmica no Sítio Nossa Senhora Aparecida, indo de Monte Mor para o Bairro Monte Belo, do lado direito da estrada (1988).

Dos sítios, áreas de ocorrências arqueológicas e informações a respeito da presença de materiais arqueológicos no Município de Monte Mor, podemos inferir a respeito do alto potencial arqueológico do município, principalmente ao longo do curso do Rio Capivari.

Caldarelli et all (2001), em artigo “Do Caminho Novo Das Minas Gerais à Rodovia Fernão Dias: Arqueologia de uma Estrada Paulista” relata a presença de cinco sítios arqueológicos históricos no Município de Atibaia, a saber:

1. Sítio Arqueológico Atibaia 1, no Município de Atibaia, implantado sobre baixa vertente de morro, nas proximidades do Ribeirão do Onofre. Tratava-se de sítio histórico, já bastante degradado, com cultura material constituída por cerâmica histórica e objetos de louça.

2. Sítio Arqueológico Atibaia 2, no Município de Atibaia. Tratava-se de sítio histórico a céu aberto, localizado no Bairro do Rosário, em terraço aluvial situado na cabeceira de um formador do Ribeirão do Onofre. As evidências arqueológicas consistiam numa área aplainada com solo orgânico escuro (fundos de uma antiga residência, posteriormente demolida) e em telhas antigas.

3. Sítio Arqueológico Atibaia 3, no Município de Atibaia, Bairro do Rosário, sobre alta vertente de colina, nas proximidades de um formador do Ribeirão do Onofre. Foram registradas as ruínas de uma antiga olaria, feita de adobe.

4. Sítio Arqueológico Atibaia 4, também no Município de Atibaia, Bairro do Portão, sobre baixa vertente de morrote, à margem do Ribeirão do Onofre, onde foram registradas as estruturas de um forno retangular, de cascalho e tijolo.

5. Sítio Arqueológico Atibaia 5, também no Município de Atibaia, localizado na Fazenda Sete Colinas, em área de topografia suave, baixa vertente, nas fraldas da Serra da Mantiqueira, a aproximadamente 25 metros do formador do Rio Atibaia. No local, foram encontrados fragmentos de louça do século XIX (CALDARELLI et all, 2001).

Do exposto, podemos afirmar que a região de Itatiba apresenta potencial arqueológico, ainda pouco pesquisado, haja vista a ausência de pesquisas arqueológicas sistemáticas na área.

2. Etno-História do Município de Itatiba

O Município de Itatiba está situado, geograficamente na região leste do Estado de São Paulo, limitando-se ao norte com o Município de Morungaba: ao sul com os Municípios de Jundiáí, Louveira e Vinhedo: a leste com os Municípios de Jarinu e Bragança Paulista e a oeste com o Município de Valinhos.

Fontes etno-históricas indicam para o Município de Itatiba a existência de indígenas de língua Tupi no início do século XVI. A essa população indígena, posteriormente, juntaram-se os brancos e negros.

Joly (1916) afirma que em 1804, Itatiba recebeu seus primeiros moradores. Eram criminosos fugindo da perseguição que lhes moviam as justiças de Atibaia e Santo Antônio da Cachoeira. As escoltas no encalço dos criminosos não tardaram a chegar e após embate, alguns foram capturados e outros fugiram. Contudo, as notícias das riquezas das terras descobertas logo trouxeram para o lugar os primeiros migrantes e seus escravos negros.

No ano de 1870, Itatiba possuía 7.300 habitantes, 5.124 livres e 2.176 escravos. No ano de 1887, um ano antes da abolição dos escravos no Brasil, Itatiba tinha 9.335 habitantes, 7.153 livres e 2.182 escravos (Museu de Itatiba, 2005).

A etno-história não apresenta muitos dados a respeito da população indígena, mas vejamos a seguir alguns relatos a respeito da presença do índio no município.

Segundo Monteiro (1994, p. 199), foi a bandeira de 1666, com o aporte de escravos índios, que permitiu a colonização efetiva da região. Antes dessa data, o Rio Atibaia proporcionava um dos últimos refúgios dos índios Guarulho, os quais foram contatados em 1665 pelo Padre Mateus Nunes da Siqueira, que estabeleceu um aldeamento no local à própria custa. Um ano depois, a Câmara Municipal de São Paulo transferiu os índios para Conceição dos Guarulhos.

Camargo (2004), a respeito da presença dos índios Guarulho no Município de Itatiba no século XVIII, faz o seguinte relato:

“[...] eram eles remanescentes da tribo guarulho (grupo cultural dos guaianases, etnia guarani), que, expulsos e perseguidos no planalto de São Paulo, vieram para as barrancas dos Rios Atibaia e Jaguari no então chamado Sertão de Jundiá e de Camanducaia.

Entretanto, o avanço dos colonizadores na ocupação das terras resultou em nova espoliação. Arregimentados para o trabalho na lavoura dos brancos ou simplesmente expulsos, parte desses povos acabou por internar-se ainda mais nas matas. Para aqueles que aqui permanecem, futuro melhor não estava reservado.

Num curto espaço de tempo histórico, de 1700 a 1800, as tribos originais haviam sido reduzidas praticamente a zero. Restaram, é certo, aqui e ali, alguns poucos representantes dos guarulhos em Itatiba. Alguns núcleos familiares acabaram por se integrar no novo sistema o que, no caso de São Paulo, deu origem ao célebre caboclo ou caipira paulista” (CAMARGO, 2004).

Camargo considera os Guainá como pertencentes à etnia guarani, mas para Metraux, embora seja possível terem os Guainá de Piratininga falado tupi, é quase certo que a maioria dos Guainá haja pertencido a família diferente e tenha sido antepassado dos caingangue modernos, originários da

região do Rio Iguaçu, entre o Paraná e o Uruguai (HOLANDA FERREIRA, sd: 87).

Hercules Florence, em junho de 1830, representa em nanquim aguado os índios Guainá, em São Paulo (CARVALHO, 2002, p. 409). Verificamos na reprodução a seguir que o autor registrou mulheres índias vestidas com mantos, sendo que uma delas segura um chapéu, provavelmente de palha (**Figura 1**).



Figura 1: Índios Guainá. Nanquim de Hércules Florence, 1830.

Segundo Camargo (2004), em 1840, Itatiba era uma pequena freguesia com o nome de Belém de Jundiá “[...] nessa época alguns índios ainda andavam sem destino pelas fazendas itatibenses, em terras que, originalmente, a eles pertenciam”.

Diante do exposto, é evidente que em Itatiba a ocupação original foi empreendida por grupos indígenas, que em decorrência da colonização foram exterminados, arregimentados para a lavoura, trabalhos domésticos, levados ou fugiram para outras paragens.

3. Caracterização dos Sítios Arqueológicos Itatiba e Itatiba II

Os Sítios Arqueológicos Itatiba e Itatiba II foram associados à Tradição Neobrasileira. Os Sítios Itatiba e Itatiba II apresentaram fragmentos cerâmicos, fragmentos de telha e fragmentos de louça, vidro, placa de

reboco, tijolo e grés. Nesse artigo, apresentaremos os resultados das pesquisas realizadas com o material lítico e cerâmico (**Fotos 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11**).



Fotos 4 e 5: Nas fotos 4 e 5 verifica-se a presença de uma pedra lascada e de um fragmento de parede de vasilha cerâmica com apêndice em forma de alça. Sítio Arqueológico Itatiba, Itatiba, SP. Foto: Faccio, 2006.



Fotos 6 e 7: Área do Sítio Arqueológico Itatiba no momento da coleta dos vestígios arqueológicos evidenciados. O trabalho de escavação possibilitou a evidência de fragmentos cerâmicos, de porcelana, de faiança, de vidro e de telha. Sítio Arqueológico Itatiba, Itatiba, SP. Foto: Faccio, 2006.

4. Pressupostos Teóricos Para a Análise dos Materiais Arqueológicos

O **material lítico lascado** foi analisado seguindo a metodologia desenvolvida por Morais (1983).



Fotos 8 e 9: Área do Sítio Arqueológico Itatiba II em escavação. O trabalho de escavação possibilitou a evidenciação de fragmentos cerâmicos, de porcelana, de faiança, de vidro e de telha. Sítio Arqueológico Itatiba II, Itatiba, SP. Foto: Faccio, 2006.



Fotos 10 e 11: Área do Sítio Arqueológico Itatiba II em escavação. O trabalho de escavação possibilitou a evidenciação de fragmentos cerâmicos, de porcelana, de faiança, de vidro e de telha. Sítio Arqueológico Itatiba II, Itatiba, SP. Foto: Faccio, 2006.

Já a análise da **indústria ceramista neobrasileira** seguiu os pressupostos teórico-metodológicos recentemente definidos para o estudo das ocupações ceramistas do Oeste Paulista (FACCIO, 1992). Contudo, tanto a área do Sítio Itatiba, quanto a área do Sítio Itatiba II se apresentaram bastante perturbadas pela ação antrópica, o que impediu que se tivesse qualquer tipo de controle amostral em relação à área trabalhada (ou seja, qual seu significado morfológico e funcional dentro do todo). Nesse sentido, as análises de material realizadas tiveram necessariamente de se restringir às discussões tecnológicas, uma vez que qualquer das análises intrassítio largamente propostas pela Arqueologia se veriam, já de início, totalmente comprometidas como, por exemplo: as análises de cadeia operatória (de produção/distribuição/uso/reciclagem/descarte de artefatos); as análises estilísticas; os padrões de distribuição; estudos de ecologia cultural ou mesmo aspectos da organização social, propostas por autores como De Bøer e Lathrap (1979), Kramer (1985), Plog (1976, 1978), Arnold (1976, 1984), entre outros.

Nesse sentido, o pressuposto básico é tomar o vaso cerâmico enquanto unidade de estudo, considerando o objetivo maior da própria Arqueologia, qual seja, o estudo de sociedades humanas. Torna-se necessário, na análise de coleções de material, lidar com unidades culturais de comportamento, de forma a poder relacioná-las com outros aspectos da cultura, dentro de uma perspectiva sistêmica de estudo. Trata-se de tomar o artefato enquanto objeto de análise, uma vez que, como todo comportamento cultural, a produção cerâmica é estruturada em padrões e sequências, que não podem ser obtidos por dados isolados (sejam os fragmentos cerâmicos, sejam os atributos classificatórios), mas sim pela maneira como as informações se estruturam entre si, ou se padronizam numa forma de vasilha (maiores detalhes dessa discussão podem ser encontrados em Arnold (1985), Kingery (1984), Rice (1984), Steponaitis (1983), Schortman (1989), Hodder (1978), entre outros.

É certo que, na Arqueologia Brasileira, a grande maioria do material cerâmico é coletado na forma de fragmentos, sendo raros os vasos recuperados inteiros. Assim, o encaminhamento proposto é agrupar os fragmentos provenientes de um mesmo vaso por meio de análises de sua distribuição na área do sítio, dos planos de fratura e dos diferentes atributos tecnológicos e estilísticos (características da pasta, decoração, forma e dimensões). Obtêm-se, com isso, diferentes conjuntos de fragmentos do mesmo vaso, que passam a constituir o objeto inicial de análise.

À adequação dessa perspectiva, as indústrias coletadas nos Sítios Itatiba e Itatiba II exigiram certos procedimentos.

Pelo fato da cerâmica ter sido evidenciada de forma dispersa e muito fragmentada nas áreas dos dois sítios, a obtenção de “conjuntos de fragmentos do mesmo vaso” pode ser feita em raros casos.

A partir desses conjuntos, foi possível tecer interessantes considerações, notadamente no que diz respeito à conservação dos sítios e possibilidade de análise.

Concluída a análise dos conjuntos de fragmentos de um mesmo vaso, foram analisados os fragmentos isolados.

Uma vez que o objetivo de nossas análises não recai apenas na caracterização da indústria, mas também na discussão sobre a possível cadeia operatória envolvida na produção dos artefatos obtidos, não são os atributos individuais de análise que trarão informação (tipos de antiplástico, espessura das peças, queima etc.), mas sim as relações que apresentam entre si, permitindo a identificação de sequências e padrões comportamentais. Certamente essa perspectiva só pode ser aplicada a artefatos (ou, neste caso, nos “conjuntos de fragmentos”, que representam as vasilhas).

Contudo, devido à pequena quantidade de conjuntos, o início da análise da cerâmica pelos conjuntos ficou prejudicada. Dessa forma, o reconhecimento das variações tecnológicas apresentadas por esta indústria em particular, foi definido, a partir do conjunto de peças do sítio e não a partir dos conjuntos de fragmentos de um mesmo vaso.

Dentro desse contexto, procurou-se adotar metodologias de análise que permitissem, ao menos, proceder a uma minuciosa caracterização das indústrias, bem como obter os primeiros elementos para discussões sobre a cadeia operatória envolvida na produção dos artefatos.

5. Os Materiais Resgatados: Análise dos Vestígios Arqueológicos em Laboratório

Nos Sítios Itatiba e Itatiba II foi evidenciada uma grande diversidade de vestígios arqueológicos. Essa diversidade é muito comum em sítios arqueológicos históricos do Brasil, haja vista que a formação do povo brasileiro se deu pela contribuição cultural de várias etnias (índio, negro,

colonizador e imigrante). Cada um desses povos contribuiu para a formação do povo e da cultura brasileira com seus costumes, técnicas e produções originais. Dessa forma, nada mais natural do que a presença dos vestígios de cada um desses grupos culturais nos sítios arqueológicos históricos.

A Arqueologia Histórica dos Sítios Itatiba e Itatiba II constitui-se em vetor de informação que permite contar histórias que não foram escritas e que jamais seriam se os objetos da cultura material não estivessem preservados nas camadas estratigráficas do solo¹.

Os estudos minuciosos de todos os vestígios dos sítios arqueológicos, em tela, permitiram, ao menos em parte, conhecer a história dos índios, dos negros e dos brancos que os adquiriram ou os confeccionaram. A **tabela 1** mostra a diversidade e quantidade dos vestígios arqueológicos resgatados nos Sítios Arqueológicos Históricos Itatiba e Itatiba II. Contudo neste artigo serão abordados apenas os materiais líticos e cerâmicos.

Materiais	Sítio Itatiba	Sítio Itatiba II
Lítico Lascado	2	0
Cerâmica Neobrasileira - produção interna	151	37
Cerâmica Neobrasileira - produção externa	18	3
Fragmento de parede de forno ou fogão a lenha	2	0
Fragmento de Parde de Taipa	1	0
Telha	31	32
Tijolo	0	2
Placa de reboco	0	1
Grés	4	3
Cerâmica vidrada	1	0
Faiança	172	70
Porcelana	48	8
Azulejo	1	0
Vidro	29	58
metal	1	0
Total	461	214

Tabel

a 1: Vestígios Arqueológicos dos Sítios Itatiba e Itatiba II.

¹ A documentação arquivística, iconográfica e a pesquisa oral trouxeram informações gerais para a compreensão das ocupações dos Sítios Arqueológicos Itatiba e Itatiba II.

5.1. O Trabalho da Pedra

O material lítico do Sítio Itatiba está representado por um fragmento de sílex e uma peça retocada. Trata-se de artefatos de origem indígena (**Fotos 12, 13 e 14**).



Foto 12: Pedra lascada em sílex. Sítio Itatiba, SP. Foto: Faccio, 2006.



Fotos 13 e 14: Do lado esquerdo da peça (foto 13) verifica-se o retoque. Na foto 14 verificamos em detalhe o retoque. Sítio Itatiba, SP. Foto: Faccio, 2006.

5.2 A Cerâmica Neobrasileira

A cerâmica teve dentro da história características próprias dos povos que as confeccionaram e que as utilizaram. No caso do Brasil colonial, pode-se falar da cerâmica produzida a partir de diversas influências culturais, genericamente, dos índios, dos negros e dos brancos. Genericamente, porque a formação do povo brasileiro por três grupos raciais é um mito, haja vista a conhecida diversidade cultural de cada um desses grupos (índios, negros e brancos). Esta cerâmica é conhecida como cerâmica neobrasileira.

Segundo Chmyz (1976: 145), a cerâmica Tradição Neobrasileira foi confeccionada por grupos familiares, neobrasileiros ou caboclos, para uso doméstico, com técnicas indígenas e de outras procedências.

Nessa cerâmica é comum a presença de apêndices que podem caracterizar tanto uma influência da cultura europeia, quanto uma influência da cultura de grupos de negros. Já determinados tipos de decoração (corrugado) e tempero da argila (caco moído) atestam a influência da cultura indígena.

Sem dúvida, a cerâmica neobrasileira contém uma grande alteridade de informações, reflexo das diversas influências culturais ligadas ao momento de sua produção.

Durante a análise da cerâmica neobrasileira dos Sítios Itatiba e Itatiba II, verificou-se a presença de dois tipos distintos de cerâmica. Uma, com antiplástico abundante, granulometria grossa, paredes espessas, decoração plástica e argila de coloração escura (cinza). Outra, com antiplástico pouco abundante, paredes finas, coloração da argila clara e predomínio do antiplástico fino na pasta da argila. Contudo, em meio a este antiplástico fino, não é raro a presença pontual de um ou outro grão de antiplástico médio. Nessas peças é comum a presença do engobo vermelho.

Dessa forma, buscaram-se respostas para a origem desses dois tipos de cerâmica nos Sítios Itatiba e Itatiba II.

Tendo em vista que duas das diferenças da cerâmica neobrasileira, dos sítios em tela, estão: 1) na espessura do antiplástico que compõe a pasta da cerâmica e 2) na cor da argila, considerou-se importante um estudo mais detalhado dos depósitos de argila presentes no entorno da área dos Sítios Itatiba e Itatiba II.

A argila é um material de granulação finíssima, oriunda da hidratação dos feldspatos das rochas eruptivas e metamórficas ao serem

hidratados, que no senso estrito são aquelas rochas formadas a partir da destruição erosiva. Esse material desagregado é transportado e posteriormente depositado ou precipitado em um dos muitos ambientes de sedimentação da superfície do globo terrestre.

A espessura das camadas argilosas sobre a rocha é grande nas regiões de clima tropical úmido e menos espessa nos climas temperados. As argilas, por conseguinte, podem ser definidas como: silicatos hidratados de alumínio contendo certa quantidade de ferro, cálcio e magnésio, à semelhança de impurezas, as quais são responsáveis pelas colorações.

Quando a argila possui grande teor de ferro, toma a coloração avermelhada ou alaranjada, sendo chamada de argila laterítica. Quando possui grande teor de caulim, que é resultante da decomposição dos feldspatos por efeito da hidratação, a argila possui coloração de cinza até branca. Quando possui grande teor de matéria orgânica e xisto, toma coloração cinza escura ou preta sendo chamada de argila xistosa.

Entre os fragmentos de cerâmica neobrasileira dos Sítios Itatiba e Itatiba II, há a presença de vasos cerâmicos produzidos com argila de coloração clara, quase branca e de vasos de cerâmica produzidos com argila de coloração escura.

A argila de coloração clara e com antiplástico de pequena espessura (granulometria fina) não ocorre nos depósitos de argila da área de entorno dos Sítios Itatiba e Itatiba II. Nesses depósitos, a argila apresenta coloração escura e antiplástico mineral de granulometria grossa.

Diante dos resultados do estudo realizado nos depósitos de argila, no entorno das áreas dos Sítios Itatiba e Itatiba II, optou-se por classificar a cerâmica neobrasileira desses sítios em dois tipos:

Cerâmica Neobrasileira de Produção Local: aquelas que apresentaram antiplástico mineral abundante de granulometria grossa, paredes espessas (variando de 1 a 3,5 centímetros), argila de coloração escura (cinza), decoração plástica (escovado, inciso, ungulado, digitado, ungulado associado ao escovado e ao digitado etc), presença de apêndices e tampas.

Cerâmica Neobrasileira de Produção Externa: aquelas que apresentaram antiplástico mineral pouco abundante e no geral de granulometria fina (em meio a esse antiplástico fino, não é raro a presença pontual de um ou outro grão de antiplástico de granulometria média),

paredes finas (de 0,4 a 1 centímetro), argila de coloração clara, presença do engobo vermelho e de tampas.

5.2.1. A Cerâmica Neobrasileira de Produção Local dos Sítios Itatiba e Itatiba II: Desenvolvimento da Análise

A coleção cerâmica neobrasileira de produção local nos Sítios Itatiba e Itatiba II forneceu respectivamente 151 e 37 peças, distribuídas por classe da forma apresentada nas **tabelas 2 e 3**.

Classe	n°	%
Parede	114	73,7
Borda	10	6,6
Apêndice	12	7,5
Base	6	4,0
Não Identificado	9	5,6
Total: Indústria Cerâmica	151	100

Tabela 2: Sítio Itatiba. Classe de Peças cerâmicas

Classe	n°	%
Parede	30	81,1
Borda	3	8,1
Apêndice	1	2,7
Não Identificado	3	8,1
Total: Indústria Cerâmica	37	100

Tabela 3: Sítio Itatiba II. Classe de Peças Cerâmicas

As classes de fragmentos foram fotografadas, descritas e analisadas recebendo tratamento estatístico ou tecnológico.

A tentativa de trabalhar, em um primeiro momento, com os conjuntos de fragmentos de um mesmo vaso mostrou-se inadequada, haja vista que no

Sítio Itatiba foi identificada apenas um conjunto de três fragmentos de um mesmo vaso. Já no Sítio Itatiba II, nenhum conjunto foi identificado.

A pequena quantidade de conjuntos, ou mesmo a sua inexistência, atesta o estado de conservação ruim dos Sítios Itatiba e Itatiba II. Com efeito, embora diferentes informações já tivessem caracterizado o mau estado de conservação que os sítios, de um modo geral, apresentavam, as constatações feitas sobre a deposição do material influíram diretamente na definição de diferentes procedimentos de pesquisa.

A técnica de manufatura observada, por excelência, nas peças dos Sítios Itatiba e Itatiba II foi a de roletes, cujas espessuras variaram de 1 a 3,5 centímetros, certamente relacionados com o próprio tamanho dos vasos. Em 12 vasos, do Sítio Itatiba e em um vaso do Sítio Itatiba II, confeccionados pela técnica de rolete foram aplicados apêndices moldados a partir de um rolete.

As paredes dos vasos, no geral, receberam alisamento superficial na face interna e externa, apresentando nivelamento e pouca rugosidade. As peças que apresentaram maior rugosidade foram as do Sítio Itatiba e se restringiram às bases das vasilhas grandes.

Para a confecção dos vasos, utilizou-se exclusivamente o antiplástico mineral (o quartzo), proveniente do embasamento rochoso presente no Município de Itatiba. Itatiba significa muita pedra e, realmente, no Município e na área dos sítios, os afloramentos rochosos são comuns.

A espessura dos grãos de antiplástico variou de 0,1 e 0,8 centímetros, no caso dos Sítios Itatiba e Itatiba II. A análise do material permitiu identificar que essa medida apresenta variações em um mesmo fragmento.

O teste entre espessura do antiplástico demonstrou dependência: quanto maior a espessura das paredes a serem confeccionadas, maior a granulação do antiplástico, o que certamente se relaciona com a própria estrutura de sustentação do vaso.

A presença exclusiva do antiplástico mineral na composição da pasta não possibilita o relacionamento da técnica com um grupo cultural específico, haja vista que esse tipo de antiplástico é utilizado por uma diversidade de grupos culturais. Contudo, analisando a composição dos depósitos de argila do entorno das áreas dos Sítios Itatiba e Itatiba II, verificou-se a presença do antiplástico mineral em todos eles, inclusive com a mesma granulometria presente nas peças em análise. O estudo de amostras de argilas presentes no entorno dos Sítios Itatiba e Itatiba II

apresentaram uma granulometria (entre 0,1 e 0,8 centímetros). Por outro lado, se o antiplástico mineral já está presente na argila e apresenta qualidades técnicas, seria bastante dispendioso retirá-lo para acrescentar um outro tipo de antiplástico.

Dessa forma, a presença do mineral na pasta da argila, apesar de desejado e certamente controlado, não foi completamente intencional, pois o grupo já contava com a presença do mineral no momento da coleta da argila no depósito natural.

A seguir, apresentamos os tipos de queima que ocorreram na indústria:

Queima 1 – seção transversal sem presença de núcleo com cor uniforme variando do laranja-tijolo ao amarelo;

Queima 2 - seção transversal sem presença de núcleo com cor uniforme variando do cinza claro ao pardo;

Queima 3 - seção transversal com presença de núcleo central escuro, e uma camada interna e uma externa claras;

Queima 4 - seção transversal sem presença de núcleo com cor uniforme variando do cinza escuro ao preto;

Queima 5 - seção transversal com uma camada escura na interna;

Queima 6 - seção transversal com uma camada clara na parte interna, e uma camada escura na externa.

A coexistência de mais de um tipo de queima num mesmo fragmento se deve à queima a céu aberto.

Existe uma grande distinção entre os vasos queimados em fornos e a céu aberto. Sendo essa distinção significativa, pois resulta em vasos bem ou mal queimados, optou-se por classificar os fragmentos cerâmicos, ora analisados, em queimados em fornos ou em fogueiras a céu aberto. Sabe-se que a queima irregular é típica de fogueiras abertas resultando em vasos com queima irregular.

Segundo Prous (1992, p. 94), “nas Américas, [...] o forno nunca veio a ser conhecido, e a cerâmica era queimada em fogueiras simples, cobrindo-se os potes com lenha”. Em paralelo, Willey aponta que entre os indígenas,

A queima era a céu aberto ou em fornos. Quando feita em fogueiras produzia vasos sujos de fuligem, marrons,

pretos ou castanhos. [...] Em sua maior parte, a queima a céu aberto foi e é característica das terras baixas orientais e do sul da América do Sul. A queima em forno é típica das regiões andinas (WILLEY, 1987, p. 233).

Para a análise da queima, presente no fragmento cerâmico, optou-se pela queima dominante no fragmento.

As diferenças na cor indicam diferentes condições de duração da queima, ventilação e temperatura. A presença de núcleo com cor variando do laranja ao amarelo indica uma queima boa, com ventilação suficiente para ocasionar a oxidação da argila. A presença de tons que variam do cinza ao preto indica uma queima incompleta em baixa temperatura e tempo insuficiente para expelir toda a matéria carbonária da argila.

As frequências em que ocorrem as queimas na indústria cerâmica dos Sítios Itatiba e Itatiba II estão registradas nas **tabelas 4 e 5** respectivamente.

Queima	n°	%
Queima 1	22	14,6
Queima 2	5	3,3
Queima 3	13	8,6
Queima 4	95	63,0
Queima 5	10	6,6
Queima 6	2	1,3
Queima Não Identificada	4	2,6
Total: Indústria Cerâmica	151	100

Tabela 4: Sítio Itatiba. Tipos de Queima

Queima	n°	%
Queima 1	18	48,3
Queima 2	8	21,8
Queima 4	7	19,0
Queima 5	1	2,7
Queima Não Identificada	3	8,2
Total: Indústria Cerâmica	37	100

Tabela 5: Sítio Itatiba II. Tipos de Queima

Nota-se, portanto, para o material cerâmico do Sítio Itatiba, um predomínio da queima, sem núcleo, representando 80,9% da indústria (na somatória das queimas 1, 2 e 4). Para o material cerâmico do Sítio Itatiba II, verifica-se, também o predomínio da queima sem núcleo, (representando 89,1% da indústria), na somatória das queimas 1, 2 e 4.

A aplicação de teste estatístico com os atributos antiplástico, espessura do antiplástico e espessura da peça mostraram independência, o que significa que diferentes queimas eram empregadas independentemente dessas outras características dos vasos nos materiais cerâmicos dos Sítios Itatiba e Itatiba II.

A análise do conjunto de fragmentos de uma mesma peça, do Sítio Itatiba, não forneceu elemento para a análise da decoração. A análise deverá, portanto, se basear, em grande parte, em classes individuais, embora se saiba do risco de poder estar separando peças originárias de um mesmo vaso. Por essa razão, optou-se por não apresentar, no momento, testes estatísticos para o atributo.

A cerâmica do Sítio Itatiba apresentou os tipos simples (78, 5%), decorado (14, 6%) e não identificado (7,1%). O tipo não identificado compreende aqueles fragmentos, onde o estado de conservação ruim impossibilitou a identificação de alisamento ou decoração da superfície interna ou externa da peça. A **tabela 6** apresenta os tipos cerâmicos presentes no Sítio Itatiba.

Decoração		n°	%
Interna	Externa		
Liso	Liso	119	78,5
Liso	Escovado	10	6,6
Liso	Ungulado	2	1,4
Liso	Digitado	2	1,4
Liso	Aplique de Rolete	1	0,7
Liso	Inciso	5	3,1
Liso	Inciso/ Escovado	1	0,7
Liso	Inciso/ Escovado/ Digita	1	0,7
Liso	não identificado	3	2,1
Não identificad	não identificado	7	5
TOTAL		151	100

Tabela 6: Sítio Itatiba. Tipos de Decoração Interna e Externa

A cerâmica do Sítio Itatiba II apresentou os tipos simples (86,5%), decorado (13,5%). Ver **tabela 7**.

Decoração			
Interna	Externa	n°	%
Liso	Liso	32	86,5
liso	escovado	2	5,4
liso	filete digitado	2	5,4
liso	digitado	1	2,7
Total: Indústria Cerâmica		37	100

TABELA 7: SÍTIO ITATIBA II. TIPOS DE DECORAÇÃO INTERNA E EXTERNA

Os tipos de decoração da cerâmica neobrasileira de produção local presente nos Sítios Itatiba e Itatiba II podem ser visualizados no documentário a seguir:

5.2.2 Escovado

O tipo de decoração escovada foi definido pelo CEPA como:

Tipo de decoração que consiste em passar, na superfície ainda úmida do vasilhame, um instrumento com pontas múltiplas, ou outros objetos que deixam sulcos bem visíveis, guardando entre si certo paralelismo e profundidade (CEPA, 1969, p.13).

5.2.3 Inciso

A decoração incisa foi evidenciada somente no Sítio Itatiba. Os desenhos variaram de uma peça para outra, bem como a largura, profundidade e comprimento das incisões.

A decoração incisa foi definida pelo CEPA como:

Tipo de decoração que consiste em incisões praticadas por meio da extremidade aguçada de instrumentos variados, na superfície da cerâmica, antes da queima. As incisões variam em comprimento, largura e profundidade, podendo apresentar secções regulares ou irregulares (CEPA, 1969, p. 133).

A **foto 15** apresenta o tipo de incisão presente na cerâmica neobrasileira do Sítio Itatiba.

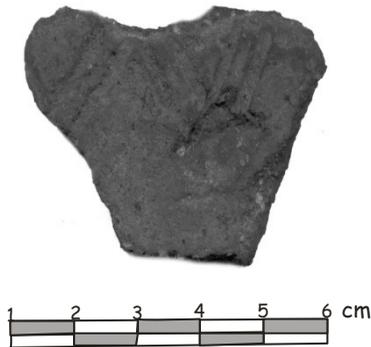


Foto 15: Fragmento cerâmico confeccionado pela técnica de acordelamento e decoração incisa. Sítio Itatiba, SP. Foto: Faccio, 2006.

5.3 Ungulado

A decoração ungulada foi definida pelo CEPA como:

Tipo de decoração que consiste em imprimir, com a ponta das unhas, marcas agrupadas em diversas posições, na superfície do vasilhame (CEPA, 1969, p. 147).

Esse tipo de decoração ocorreu em duas vasilhas do Sítio Itatiba, em diferentes posições. A **foto 16** mostra um fragmento de borda com decoração ungulada ao lado do lábio. Contudo, a unguilação não toca a face do lábio como acontece no caso do entalhe entre os grupos guarani, por exemplo. Esta peça, de fato, lembra vasilhas da Tradição Tupiguarani (associada aos grupos linguísticos tupi-guarani) com entalhe sobre a borda.

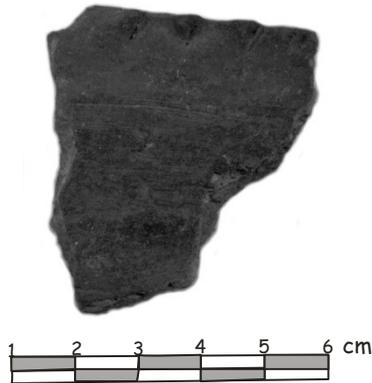


Foto 16: Fragmento de borda, com decoração do tipo ungulado ao lado da borda. Sítio Itatiba, SP. Foto: Faccio, 2006.

A **foto 17** apresenta um fragmento de parede com apêndice e decoração ungulada ao lado do apêndice. As unguilações são discretas, contudo, pela localização na peça, descartou-se a hipótese de terem ocorrido de forma involuntária ou para colar o rolete que formou o apêndice. Nos casos em que o ungulado ou o digitado foi evidenciado na parte inferior do apêndice, de forma a não ser visto (quando a vasilha está com a base para baixo), não foi considerado como decoração e sim como técnica para colar o rolete (apêndice) na vasilha. Na **foto 17**, podem-se verificar algumas marcas digitadas na parte inferior do rolete que forma o apêndice. Essas marcas digitadas não foram consideradas como decoração.



Foto 17: Fragmento de parede, apresentando apêndice em forma de asa convexa. Sítio Itatiba, SP. Foto: Faccio, 2006.

5.3.1 Digitado

A decoração digitada foi definida pelo CEPA como tipo de decoração que consiste em imprimir a ponta do dedo na superfície da vasilha (CEPA, 1969:129).

A **foto 18** apresenta fragmento de vasilhas da Tradição Neobrasileira com decoração digitada.



Foto 18: Fragmento de parede, com marcas da presença de um filete aplicado sobre a borda, provavelmente digitado. Sítio Itatiba II, SP. Foto: Faccio, 2006.

5.3.2 Ungulado Associado ao Inciso

A decoração digitada, sobre o apêndice, associada à incisa, abaixo do apêndice, pode ser observada na **foto 19**. Nesse caso, o digitado está localizado sobre a parte de cima do apêndice; portanto, foi considerado intencional. Dessa forma, foi classificado como decoração.

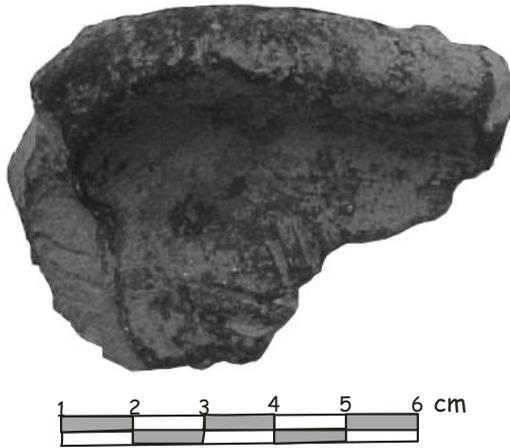


Foto 19: Fragmento de parede, apresentando apêndice em forma de asa convexa, decoração do tipo inciso associado ao digitado. A peça apresenta marcas de fuligem. Sítio Itatiba, SP. Foto: Faccio, 2006.

5.3.3 Inciso Associado ao Escovado e ao Digitado

A decoração incisa associada à escovada e à digitada, pode ser observada na **foto 20**. A decoração incisa e escovada aparece na parede da vasilha, enquanto o digitado ao lado do lábio.

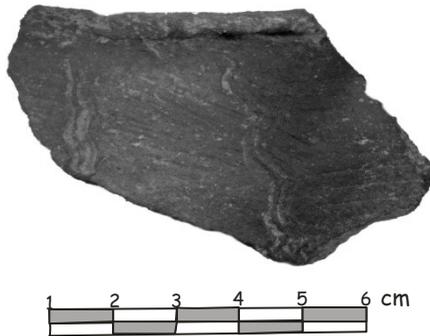


Foto 20: Fragmento de borda, com decoração do tipo inciso associado ao escovado e ao digitado. Sítio Itatiba, SP. Foto: Faccio, 2006.

6. Forma das Vasilhas

A partir dos dez fragmentos de borda do Sítio Itatiba, foi possível reconstituir, com segurança, a forma de quatro vasilhas. As bordas do Sítio Itatiba II não permitiram a reconstituição segura de nenhuma forma de vaso. Uma vez que não se conta, nas indústrias dos Sítios Itatiba e Itatiba II, com formas inteiras, ficam comprometidas a classificações de fragmentos de borda muito pequenas, dos quais se desconhece a continuidade do contorno.

A seguir, apresentam-se as formas reconstituídas das três vasilhas do Sítio Itatiba:

A forma 1 apresenta um vaso simétrico de boca constricta, contorno infletido, capacidade de 21, 2 litros, decoração incisa associada à escovada e digitada (**figura 2**).

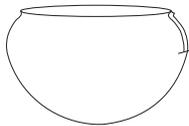


Figura 2: Vasilha reconstituída a partir do fragmento de borda número 143. Sítio Itatiba, SP. Foto: Faccio, 2006.

A forma 2 apresenta dois vasos simétricos de boca constricta, contorno inflectido, capacidade de 2, 5 e 1,7 litros respectivamente (**figuras 3 e 4**).

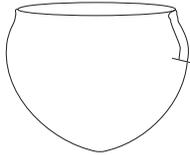


Figura 3: Vasilha reconstituída a partir do fragmento de borda número 165. Sítio Itatiba, SP.

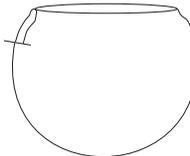


Figura 4: Vasilha reconstituída a partir do fragmento de borda número 154. Sítio Itatiba, SP.

A forma 3 apresenta um vaso simétrico de boca ampliada, contorno direto, capacidade de 9, 8 litros, decoração ungluada (**figura 5**).

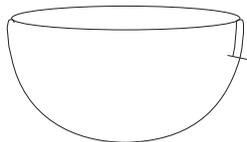


Figura 5: Vasilha reconstituída a partir do fragmento de borda número 4. Sítio Itatiba, SP.

6.1 Tampa

O Itatiba apresentou dois fragmentos de tampa (**foto 21**).

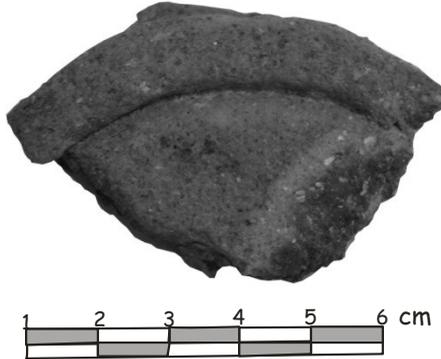


Foto 21: Fragmento de tampa, decorada com um rolete de argila. Essa peça, a princípio, poderia ser confundida com um fragmento de parede com alça; contudo, se fosse dessa forma, não teria a função de levantar a peça, haja vista que não é saliente. Sítio Itatiba, SP. Foto: Faccio, 2006.

6.1.2. Apêndice

O Sítio Itatiba apresentou 12 fragmentos de apêndice, em forma de alça. Já o Sítio Itatiba II apresentou apenas um fragmento desse tipo de apêndice. As vasilhas com apêndice, certamente foram usadas para o cozimento de alimentos, haja vista que nelas se verificaram marcas de fogo e presença de fuligem. A **foto 22** mostra um fragmento de apêndice do Sítio Itatiba.

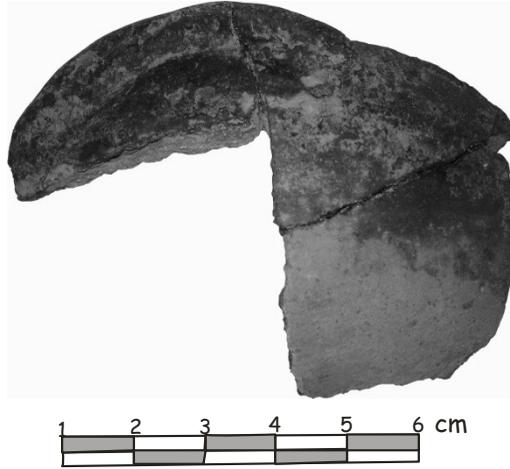


Foto 22: Fragmento de parede, apresentando apêndice em forma de asa convexa. A peça apresenta marcas de fuligem. Esse foi um dos poucos casos onde houve possibilidade de remontagem. Esta é a peça de maior tamanho do sítio. Sítio Itatiba, SP. Foto: Faccio, 2006.

6.1.3. A Cerâmica Nebrasileira de Produção Externa dos Sítios Itatiba e Itatiba II

A coleção cerâmica nebrasileira de produção externa nos Sítios Itatiba forneceram 18 peças, distribuídas por classe da forma apresentada na **tabela 8**.

Classe	n°	%
Parede	12	66,7
Borda	4	22,2
Fragmento de Tampa	2	11,1
Total: Indústria Cerâmica	18	100

Tabela 8: Classe de Fragmentos. Sítio Itatiba

Já o Sítio Itatiba II, apresentou três fragmentos de parede. As classes de fragmentos foram fotografadas, descritas e analisadas, recebendo tratamento estatístico ou tecnológico.

A tentativa de trabalhar, em um primeiro momento, com os conjuntos de fragmentos de um mesmo vaso mostrou-se inadequada, haja vista que no Sítio Itatiba foram identificados apenas dois conjuntos de dois fragmentos de um mesmo vaso. Já no Sítio Itatiba II, nenhum conjunto foi identificado.

A técnica de manufatura observada, por excelência, nas peças dos Sítios Itatiba e Itatiba II foi a torneada, com exceção de uma tampa do Sítio Itatiba que foi confeccionada pela técnica de modelagem.

As paredes dos vasos, no geral, receberam um ótimo alisamento superficial na face interna e externa, apresentando nivelamento e nenhuma rugosidade. A única exceção é para uma das tampas do Sítio Itatiba.

Para a confecção dos vasos, utilizou-se exclusivamente o antiplástico mineral (o quartzo).

A espessura dos grãos de antiplástico variou de 0,1 e 0,3 centímetros, no caso dos Sítios Itatiba e Itatiba II. A análise do material permitiu identificar que essa medida apresenta variações em um mesmo fragmento. O estudo estatístico da recorrência dessas variações, em um mesmo fragmento, levou à definição de duas categorias de granulométricas, a saber:

- Até 0,1 centímetro (fina);
- De 0,11 a 0,3 centímetro (média);

Conta-se, assim, com indústrias onde predominam peças de espessura fina.

O teste entre espessura do antiplástico demonstrou independência, haja vista que mesmo nos casos em que ocorreu o antiplástico com espessura 0,3 centímetro, isto se deu de forma esporádica no fragmento, ou seja, apenas um grão em todo o fragmento.

A presença exclusiva do antiplástico mineral na composição da pasta não possibilita o relacionamento da técnica com um grupo cultural específico, haja vista que esse tipo de antiplástico é utilizado por uma diversidade de grupos culturais. Por outro lado, o uso do torno, como técnica de manufatura, deixa claro a utilização de uma técnica de manufatura incomum entre grupos indígenas.

Para a análise da queima, presente no fragmento cerâmico, optou-se pela queima dominante no fragmento.

No Sítio Itatiba predominou a queima três (16 casos). A queima um ocorreu em apenas dois casos. No Sítio Itatiba II foi registrada a presença da queima três em todas as peças. De modo geral, constata-se a presença de uma queima homogênea, que indica um bom controle da temperatura.

Nos Sítios Itatiba e Itatiba II identificaram-se os tipos cerâmicos liso e com engobo vermelho.

No caso do Sítio Itatiba, sete fragmentos apresentaram o tipo engobo vermelho na face externa. Os demais vasos apresentaram o tipo liso nas faces interna e externa.

No caso do Sítio Itatiba dois vasos apresentaram o tipo engobo vermelho na face externa. Em um caso, verificou-se a presença do tipo liso na face interna e externa.

As **fotos 23 e 24** mostram fragmentos de vaso da Tradição Neobrasileira de produção externa dos Sítios Itatiba e Itatiba II.

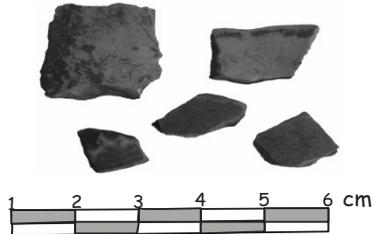


Foto 23: Fragmentos de parede apresentando engobo vermelho. Sítio Itatiba e Itatiba II, SP. Foto: Faccio, 2006.

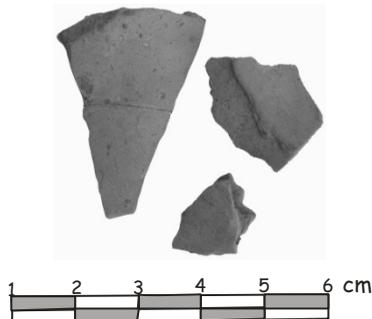
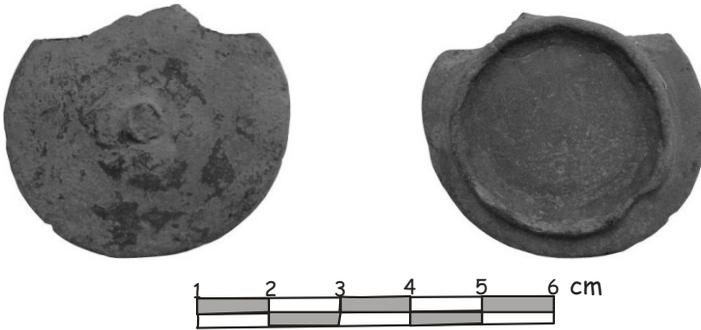


Foto 24: Fragmento de borda do Sítio Itatiba (à esquerda) e fragmentos de parede, à direita e acima, do Sítio Itatiba e abaixo do Sítio Itatiba II. Foto: Faccio, 2006.

6.2. Tampa

As **fotos 25 e 26** apresentam uma tampa com pegador e engobo vermelho na face externa e encaixe na face interna.



Fotos 25 e 26: Tampa confeccionada pela técnica de modelada com engobo vermelho na face externa. O engobo foi aplicado depois que a peça foi ao forno. Sítio Itatiba, SP. Foto: Faccio, 2006.

6.2.1. Forma dos Vasos

A partir dos quatro fragmentos de borda do Sítio Itatiba, foi possível reconstituir, com segurança, a forma de um vaso. Uma vez que não se conta, na indústria, com formas inteiras, fica comprometida a classificação dos fragmentos de borda muito pequenos, para os quais se desconhece a continuidade do contorno.

Na análise dos lábios foram identificados o arredondado e o biselado.

Das quatro bordas presentes no Sítio Itatiba, somente uma permitiu a reconstituição da forma do vaso.

A **foto 27** apresenta a foto a partir da qual foi possível reconstituir a forma do vaso apresentado na **figura 6**. A figura 6 apresenta um vaso simétrico de boca constricta, contorno infletido, capacidade de 0, 8 litro.

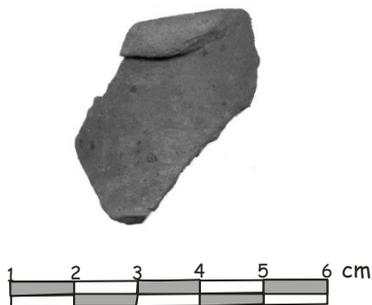


Foto 27: Fragmento de borda. Sítio Itatiba, SP. Foto: Faccio, 2006.

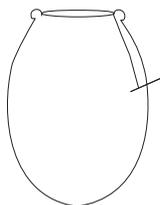


Figura 6: Forma da vasilha reconstituída a partir do fragmento de borda número 128. Sítio Itatiba, SP.

7. Considerações Finais

É necessário preservar o patrimônio cultural existente. O levantamento e estudo de sítios em todo o território brasileiro representam um avanço, embora muito ainda precise ser feito para preservação.

O impacto sobre o patrimônio arqueológico pode ser entendido como o conjunto de alterações que a obra projetada venha a causar nos bens arqueológicos e ao seu contexto, impedindo que a herança cultural das gerações passadas seja transmitida às gerações futuras (Morais, 2005).

A história de Itatiba é conhecida por meio de documentos textuais esparsos e por tradição oral. Contudo, essa é a história de poucos. Esta pesquisa deve contribuir para o conhecimento de aspectos da História local e da Arqueologia que trata do período da colonização portuguesa no Brasil, bem como da preservação e promoção do patrimônio arqueológico local.

Apesar dos Sítios Itatiba e Itatiba II estarem destruídos e apresentarem uma pequena quantidade de materiais construtivos, coloca-se a hipótese de nos locais terem existido, no período da ocupação, casas de taipa. Certamente, os materiais construtivos foram retirados das áreas dos sítios para reaproveitamento, haja vista que os locais não apresentam indícios de terraplanagem, ou movimentação significativa do solo.

Entre os materiais dos Sítios Itatiba e Itatiba II, predominaram os fragmentos de cerâmica, faiança, porcelana e vidro.

O não reaproveitamento desses materiais após a quebra, certamente explica as diferenças quantitativas entre os diferentes tipos de materiais.

A cerâmica neobrasileira de produção local dos Sítios Itatiba e Itatiba II apresentou indicativos de ter sido produzida sob a influência cultural indígena, europeia e negra. As mãos que confeccionaram aquelas cerâmicas, certamente, foram comandadas por valores culturais de etnias diversas. Indígenas, negros e brancos inseriram na cerâmica, em tela, suas marcas.

Mas o que os índios estariam fazendo em áreas rurais, onde o branco escravizava o negro? Certamente, esses índios também eram escravos. Mas, nossa história não conta a história desses índios escravos, que com sua força de trabalho, ao lado dos negros, formaram as bases da economia e da cultura brasileiras. Os relatos históricos tradicionais “contam” a história da escravidão negra, mas se omitem quando se trata da

escravidão indígena. Dessa forma, a principal contribuição deste artigo é mostrar que há indícios fortes da presença da escravidão indígena no Município de Itatiba.

Além das evidentes influências culturais indígenas impressas na cerâmica neobrasileira, também atestam a presença dos índios no local, as pedras lascadas, ainda que tenham ocorrido em pequena quantidade.

A fórmula South de datação média de louças proposta por Stanley South possibilitou obter a data média de 1849 para o Sítio Itatiba e 1867 para o Sítio Itatiba II.

Essas são as primeiras reflexões colocadas para as áreas dos Sítios Itatiba e Itatiba II. Contudo, sabe-se das inúmeras possibilidades de análise e interpretações que os materiais evidenciados suscitam.

8. Referência Bibliográfica

ABREU, J.C. **Capítulos da História Colonial – 1500/1800**. Rio de Janeiro, FVL, 1934.

ARAÚJO, A.G. de M. Arqueologia da região de Rio Claro: uma síntese. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, USP**, p. 125-140, 2001.

AYTAI, D. Um estilo de decoração Tupi: ordem no caos. **Publicações do Museu Municipal de Paulínia**, (48):22-35, 1991. **Monte Mor Relembra o seu Passado** (Monografia). Monte Mor, SP, mimeografado (Circulação Restrita), 1988.

BRANCANTE, E. F. **O Brasil e a Cerâmica Antiga**. Cia. Litográfica Ipiranga, São Paulo, 1981.

BELTRÃO, M.C.M. et al. Datations par thermoluminescence de sites archéologiques du sud-est brésilien. **Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência**, 35. Belém, Pará, Resumos: 117, 1983

CALDARELLI, S.B. Os Caçadores do Tietê. **Ciência Hoje**, 4 (19): 40-43, 1985.

_____ A Degradação do Patrimônio Arqueológico como Conseqüência da Construção de Usinas Energéticas em Bacias Hidrográficas: uma reflexão crítica sobre a reversibilidade do processo. **anais do 3^o encontro nacional de estudos sobre o meio ambiente**, Volume i:72-79. londrina, uel, 1991.

_____ Projeto de Levantamento e Resgate Arqueológico na Faixa de Domínio do Prolongamento da Rodovia dos Bandeirantes (sp-348) – **Relatório final**. são paulo, scientia, 2001

_____ A Arqueologia do Interior Paulista Evidenciada por suas Rodovias. **Revista de arqueologia, sab**, 14/15: 29-55, 2001/2002

CALDARELLI, S.B.; JULIANI, L.J.C.O; SANTOS, M.C.M.M. E MAXIMINO, E.P.B . Do Caminho Novo das Minas Gerais à Rodovia Fernão Dias: arqueologia de uma estrada paulista. **Revista do CEPA, UNISC**, 25 (34): 7-126, 2001

CUSHION, JOHN P. **Manuel de la céramique européenne**. Fribourg, Suisse, Office du Livre, 732p., 1987.

DINCAUZE, D. F. **Environmental Archaeology. Principles and practice**. Cambridge, University Press, 2000

FACCIO, N. B. O Estudo do Sítio Alvim e Sua Interação Com a Geografia. **Anais do III Encontro de Geógrafos da América Latina**, I. S. B. N. 968-853-121-0. Toluca, México, p. 88-96, 1991

O Sítio Arqueológico Alvim no Contexto do Projeto Paranapanema. **Dissertação de Mestrado**, FFCL da USP, São Paulo, 1992.

Arqueologia do Cenário das Ocupações Horticulturas da Capivara, Baixo Paranapanema, SP, **Tese de Doutorado**. FFCL da USP, São Paulo, 1998

JULIANI, L.J.C.O. **Diagnóstico arqueológico de área a ser diretamente afetada pela implantação do Bairro Santa Paula**, em Campinas, SP. São Paulo (impresso), 2004.

LIMA, R.P.T. **A nova história – Camandocaia, um vale de mil faces**. Capturado em <http://www.sitioduascachoeiras.com.br/amparo/home.html>. Acessado em 09/08/2004.

LIMA, T. A. et al. A tralha doméstica em meados do século XIX: reflexos da emergência da pequena burguesia do Rio de Janeiro. **Dédalo**, SP. Pub. Avulsa, 1: 205-230, 1989.

MILLER Jr., T. O. Pré-história da região de Rio Claro, SP: tradições em divergência. **Cadernos Rioclarenses de Ciências Humanas** (1):22-52, 1968.

Arqueologia da região central do Estado de São Paulo. **Dédalo**, USP, n° 16, pgs. 13-118.

MORAIS, J. L. Os artefatos em sílex de Santa Barbara D'Oeste, SP. **Revista do Museu Paulista**, Nova Serie, vol. XXVIII, pgs. 101-114, 1982

MORALES, W. F. A escravidão esquecida: a administração indígena em Jundiaí durante o século XVIII. **Dissertação de Mestrado**. São Paulo, FFLCH-USP, 2000 cerâmica “neobrasileira” nas terras paulistas: um estudo sobre as possibilidades de identificação cultural através dos vestígios materiais na vila de Jundiaí do século XVIII. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, USP, p. 165-187, 2001.

Índios e Africanos na Jundiaí Colonial. Jundiaí, Prefeitura Municipal, Secretaria Municipal de Planejamento e Meio Ambiente (**Série Memórias**, vol. 3), 2002.

MATOS, E.L. **Autonomia Municipal e Meio Ambiente**. Belo Horizonte, Ed. Del Rey, 2001.

MYAZAKI, N. & D. AYTAL. A aldeia pré-histórica de Monte Mór. **Publicação Avulsa da Pontifícia Universidade Católica de Campinas**, 1974

PAZINATTO, R. P. Uma segunda igaçaba de Capivari. **Publicações do Museu Municipal de Paulínia** (23):1-8, 1983.

Análise das cores e desenhos lineares na cerâmica pré-histórica de Monte Mór. **Publicações do Museu Municipal de Paulínia** (27):1-61, 1984.

PARDI, M. L. F; RANGEL, Z; CORADEL, A. Levantamento do Patrimônio Arqueológico de Monte Mor – SP. **Anais da X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**, Recife, 1999.

PEREIRA, M. A., R. P. PAZINATTO, S. E. MARCONDES & D. AYTAL. Uma igaçaba de Capivari. **Publicações do Museu Municipal de Paulínia** (21):1-14, 1982.